

## INCLUSÃO E INTERAÇÃO: PESQUISA SOBRE ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM BIDOCÊNCIA

Renata Gomes Camargo – UFSM<sup>1</sup>  
Luana Zimmer Sarzi - UFSM<sup>2</sup>

**Resumo:** Ponderando a inclusão escolar como uma realidade vigente, esta precisa ser enfocada de maneira que, as instituições educacionais contemplem o processo de aprendizagem de todos os alunos indiscriminadamente. Tem-se na Educação Especial uma modalidade de ensino que tangencia o trabalho da classe comum, podendo contribuir significativamente para a aprendizagem, por meio de experiências pedagógicas diferenciadas em prol da inclusão, que se constitui em uma tendência que concerne um desafio para a qualificação do ensino na educação básica. Nesse sentido, desenvolveu-se a pesquisa abordada neste artigo, através de um cunho metodológico qualitativo pautado no procedimento pesquisa participante. Sendo assim, nesse trabalho demonstrar-se-á, como se percebe o papel do professor de educação especial na inclusão de um aluno com Necessidades Educacionais Especiais –NEE- e na qualificação do processo ensino-aprendizagem deste e de seus colegas, proporcionado por um trabalho de Bidocência em sua turma de 4º ano, concomitante ao atendimento educacional especializado.

**Palavras-chave:** Interação. Inclusão. Professor de Educação Especial.

## INCLUSION AND INTERACTION: RESEARCH ABOUT THE WORK OF TEACHER OF SPECIAL EDUCATION IN BIDOCÊNCIA

**Abstract:** Considering the inclusion of people with special educational needs, as a current reality and should be focused so that they meet these needs, without ignoring the learning of all students. It has been a Special Education teaching modality that touches the work of the common class and may contribute significantly to learning in the common teaching through differentiated learning experiences for the sake of inclusion, which is in a trend that concerns a challenge to teaching qualification in primary education. In this sense, developed the research discussed in this paper, through a guided quality research and participant method. Thus, this work will prove to be, as we perceive the role of special education teacher of a pupil with special educational needs and the qualification of the teaching-learning of this and his colleagues, provided by a Bidocência work in his group of 4º year, concurrent with specialized care.

**Key-words:** Interaction. Inclusion. Teacher of Special Education.

### 1 Iniciando a discussão

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria

As práticas educacionais embasadas nos princípios da inclusão têm ganhado destaque nas discussões atuais, apontadas como eficazes no que condiz à qualificação da educação, proporcionando, que cada vez mais, a escola consiga contemplar o ensino de forma singular na coletividade.

Ao mesmo tempo em que se observam estas questões, colocam-se muitos desafios, dentre estes, como atender de forma significativa os alunos com Necessidades Educacionais Especiais-NEE-. Isto, tanto nas classes comuns do ensino regular, quanto no atendimento educacional especializado, neste caso gerando implicações para as ações relacionadas à modalidade educacional Educação Especial.

Quando se objetiva trabalhar com a apreciação e valorização da diversidade, princípio este que norteia a educação inclusiva e fortalece a atuação da Educação Especial, se coloca o desafio de como o professor de Educação Especial pode contemplar este objetivo, de forma a produzir reflexos positivos na educação comum.

Na pesquisa que se vai discutir neste artigo, a afirmação colocada acima se ampliou pela opção de realização de um trabalho junto a um aluno com NEE, que englobou a Bidocência consistindo em uma prática colaborativa entre o professor de Educação Especial e professor da classe comum visando à inclusão escolar dos alunos (BEYER, 2006). Assim, concomitante ao atendimento educacional especializado individual realizado na sala de recursos, se fez um trabalho na classe comum, impulsionado pelo entendimento que a atuação do professor de Educação Especial é qualificada pela extensão desta a este espaço escolar mais frequentado pelo aluno.

Colocaram-se as seguintes problemáticas: Qual a importância da atuação do professor de Educação Especial, em uma proposta de Bidocência, para a inclusão escolar dos alunos com NEE? Quais as contribuições que a valorização da diversidade e o respeito às

singularidades podem proporcionar para a inclusão escolar de alunos com NEE, estendendo seus benefícios a todos os alunos?

Para tanto, tem-se por subsídios para elaboração do artigo, o estudo da atuação do professor de Educação Especial junto a um aluno com Déficit Cognitivo, o qual se enunciará pela inicial R., do sexo masculino, com 11 anos de idade, que frequentava em 2010 o 4º ano do Ensino Fundamental, tinha suas NEE mais relacionadas à leitura e escrita e pouca motivação. .

Segundo DSM-IV-TR™ (2003) a criança com déficit cognitivo pode ter diferentes áreas cognitivas afetadas, apresentando dificuldade na atenção, concentração, compreensão, assimilação, memória visual, memória auditiva e raciocínio.

Através da apresentação de alguns resultados da pesquisa realizada na turma do referido aluno, bem como, no atendimento educacional especializado, objetiva-se demonstrar de que forma a prática educacional norteada pelos princípios da inclusão e a atuação de profissionais da Educação Especial na classe comum, podem ser propulsoras da qualidade do processo ensino/aprendizagem.

Isso porque, se acredita que a atuação da Educação Especial tem muito a contribuir na educação comum, não podendo seus reflexos estar restritos à sala de recursos.

No espaço da classe comum R. e seus colegas, não estavam conseguindo interagir com qualidade, interferindo na sua motivação e envolvimento no processo de aprendizagem, colocando-se a necessidade da realização da Bidocência, que estimulou a realização da pesquisa aqui discutida.

Tem-se o entendimento que, as aprendizagens, são ampliadas e qualificadas pela interação, pois na troca entre pares estão aprendendo entre iguais (VIGOTSKI, 2006). Portanto, o trabalho docente do professor de Educação Especial na classe comum, é pertinente

para que estas interações sejam instigadas neste espaço ao encontro da diversidade, uma vez que, na intervenção na sala de recursos por vezes os alunos são atendidos individualmente.

A interação se coloca como valorização da singularidade dos papéis em uma sala de aula que trabalha na perspectiva da educação inclusiva, esses precisam ser percebidos de forma que, na convivência com os colegas, todos estejam sentindo-se importantes e participantes.

Carvalho (2000, p.38) trata destas responsabilidades quando diz:

A educação inclusiva tem sido conceituada como um processo de educar conjuntamente e de maneira incondicional, nas classes do ensino comum, alunos ditos normais com alunos - portadores ou não de deficiência – que apresentem necessidades educativas especiais. A inclusão beneficia todos, uma vez que sadios sentimentos de respeito à diferença, de cooperação e de solidariedade podem se desenvolver.

A autora afirma que a inclusão pode beneficiar não só o aluno incluído, mas todos que com ele estabelecerem interações. Para tanto, buscando essas relações de respeito e acesso ao conhecimento por todos os alunos indistintamente, é que se estabeleceu a proposta de Bidocência, estando essa baseada em um trabalho grupal em que todos precisavam ser participativos e ativos nas atividades.

## **2 Caminhos metodológicos**

Para contemplar o objetivo deste artigo, parte-se de uma abordagem qualitativa da pesquisa, que segundo Oliveira (2008) consiste-se em um estudo aprofundado do objeto de investigação, por meio da busca por informações relevantes para a construção da mesma.

Assim, este tipo de pesquisa possibilita o estudo e a análise dos dados de acordo com a compreensão dos pesquisadores, sem preocupação com a quantificação desses, mas com a interpretação subjetiva.

Ainda partindo dos objetivos apresentados, esta se caracteriza como pesquisa explicativa. Gil (2010) traz que este tipo de pesquisa visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas, em outras palavras, além de descrever as ações, se faz a interpretação dos dados para posterior constatação dos resultados. Logo, este artigo traz um relato de experiência constituído a partir de uma pesquisa, sobre a qual se faz a análise dos dados e os discutiu teoricamente.

Teve-se por procedimento metodológico a pesquisa participante, pois se desenvolveu a partir da interação entre as pesquisadoras/professoras de Educação Especial e os sujeitos dos contextos investigados, uma vez que se realizou intervenções pedagógicas com o aluno R., bem como, com a turma frequentada por ele no ano de 2010.

Assim, as pesquisadoras passaram a atender o aluno na sala de recursos e realizar intervenções pedagógicas na classe comum. Estas inserções na escola deram-se na periodicidade semanal, sendo organizadas em um atendimento destinado ao aluno na sala de recursos no contra turno, e uma intervenção com toda a sua turma, no período de agosto a novembro de 2010.

Sendo assim, a análise e discussão dos dados foi elaborada em ordem cronológica relativa às atividades desenvolvidas durante a pesquisa/atuação, logo, foram intercaladas a apresentação/reflexão dos dados da Bidocência e do atendimento educacional especializado oferecido à R.

Neste sentido, o princípio norteador da construção das atividades desenvolvidas durante a pesquisa centrou-se na qualificação das interações, pois R. estava pouco envolvido nas atividades da turma, também, pelo entendimento de que esta é fator primordial para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e efetivação do processo de inclusão escolar.

### **3 Análise e discussão dos dados**

A interação foi colocada como princípio norteador da prática/pesquisa desenvolvida, assim elegida pela relevância que tem sobre as aprendizagens dos alunos. Voltando-se o olhar especificamente para o caso de R. essa se intensifica, visto que se sentia pouco motivado à aprendizagem em sala de aula.

Neste sentido, apresenta-se o entendimento de aprendizagem, sendo essa, um processo que deve considerar as singularidades de cada aluno e, em cada planejamento e/ou construção de alternativas metodológicas, precisa contemplar aquilo que o instiga a aprender, no caso de R. o jogo, o desenho e, principalmente, a valorização da autoestima.

Aprender não é copiar a realidade ou a informação externa sem alterá-la, mas sim, proceder a uma representação pessoal e única de tal realidade. Esta representação não ocorre no vazio, mas, sim, a partir dos conhecimentos anteriores, das experiências e motivações de cada pessoa, o que faz com que, em cada caso, o processo de aprendizagem seja único, sem condições de repetir-se. (BRASIL, 2003, p. 31).

Partindo do anseio principal da atuação junto à R., que implicou primordialmente na qualificação das interações na sala de aula, visou-se a ampliação das aprendizagens que mais ele necessitava desenvolver naquele período.

Também, esta pesquisa teve por finalidade a promoção da sua inclusão escolar, nesse sentido, deu-se ênfase em um trabalho docente que ganharia em extensão e eficácia, a partir

de uma ampliação para o espaço da classe comum, ponderando-se o fato de que, é neste ambiente que R. passa a maior parte do tempo em que está na escola, pois

Definitivamente, a educação inclusiva centraliza sua preocupação no contexto educacional e em como melhorar as condições de ensino e aprendizagem, para que todos os alunos participem e se beneficiem de uma educação de qualidade (BRASIL, 2003, p.41)

Neste sentido, apoiou-se essa prática/pesquisa na Política Nacional para Educação Especial na Perspectiva da Inclusão (2008), na qual é previsto que na atuação do professor de Educação Especial nas escolas, esse possa estar auxiliando no que condiz às orientações e práticas colaborativas com os professores da classe comum, para a inclusão dos alunos com NEE, logo

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas. (BRASIL, 2008, p.9)

Sendo assim, para esta pesquisa além de realizar o atendimento educacional especializado, optou-se por atuar em um sistema de Bidocência, visando à promoção da inclusão escolar do aluno R., a fim de obter uma qualificação e efetividade de seus processos de aprendizagem. .

O sistema de Bidocência, empregado há anos nas experiências europeias de inclusão escolar, tem por princípio norteador a parceria entre o professor da classe comum e um colega profissional com conhecimento específico na área das NEE. (BEYER, 2006)

Faz-se importante ressaltar que isto não significa a ação de apenas um especialista na área, porém, é importante que os conhecimentos de ambos docentes sejam compartilhados entre eles e disponibilizados a todas as crianças em sala de aula, não apenas àquelas que apresentam NEE.

As atividades foram pensadas de forma que contemplassem as NEE mais relevantes de R., através de ações que instigassem a interação e, por meio desta, o desenvolvimento de aprendizagens significativas pelo aluno em foco, bem como de seus colegas, ou seja, “(...) mesmo que a escola seja eminentemente o lugar do coletivo, é fundamental que haja uma reflexão sobre a escola que queremos, onde a educação seja pensada a partir de cada um, visando o pleno desenvolvimento de todos”. (SENRA et.al, 2008, p.19-20)

No início do trabalho em sala de aula, foi perceptível que as relações aluno-aluno e professor-aluno eram conflituosas naquele espaço e, também, como a aprendizagem acontece de maneira diferenciada para cada um, a professora da classe comum estava tendo dificuldades em abranger as necessidades de todos e favorecer as relações interpessoais.

Frente a esses aspectos buscou-se junto à turma o estabelecimento de um trabalho conjunto, em que, os alunos divididos em pequenos grupos, deveriam apoiar-se mutuamente no desenvolvimento das aprendizagens.

Nesse sentido, pode-se pensar que uma sala de aula tão diversa, exemplifica e escancara o desafio de se fazer uma educação inclusiva. Para tanto, se deve estar atento não somente àqueles alunos com NEE, mas a todos, direcionando a atenção às singularidades de cada um e, a partir disso, estruturar um trabalho em que a aprendizagem seja constituída em conjunto e significativamente.

Stainback e Stainback (1999) trazem o fato de que a inclusão busca uma situação escolar em que as pessoas se reconheçam e se apoiem mutuamente, tendo que as escolas e o

corpo docente organizarem-se em função das diferenças individuais, para que a aprendizagem se efetive.

Para tanto, optou-se por realizar junto à turma a proposta de uma gincana educativa, em que, dividiu-se a mesma em equipes as quais teriam tarefas semanais relacionadas aos conteúdos que vinham sendo trabalhados em sala da aula. . Em convergência com a presente proposta, enfoca-se a importância de estabelecer um trabalho conjunto em sala de aula:

Em uma escola convencional, a exigência é que cada aluno trabalhe sozinho, que não compartilhe, nem compare seu trabalho e não ajude os demais. Isso vai contra a necessidade básica humana de pertencer a algo. Em contraste, um grupo de aprendizagem usualmente estimula o trabalho coletivo em torno de uma meta comum. É melhor que os grupos tenham uma composição diversificada em relação aos ritmos ou rendimentos de trabalho. Isso garantiria que os alunos de rendimento baixo conseguissem melhorar seus rendimentos, conforme foi demonstrado em inúmeros estudos. (YUS, 2002, p.132)

Partindo dessa sistematização, foi perceptível já no primeiro contato com a turma de 4º ano, que os alunos ficaram bastante motivados com a ideia de trabalhar os conteúdos das aulas através de uma gincana com tarefas.

Primeiramente, verificou-se a dificuldade de interação que existia na turma, isso foi percebido, em uma dinâmica inicial, realizada no intuito de apreciar o conhecimento que os alunos tinham uns sobre os outros. Esta atividade revelou o quão distantes estavam às interações entre eles, visto que pouco sabiam sobre os colegas, limitando-se aos aspectos físicos que demarcavam as suas diferenças.

Visando um ordenamento do trabalho/pesquisa com ênfase nos processos inclusivos, realizou-se a escolha de líderes e vice-líderes que coordenariam as equipes na gincana. Através dessa estratégia, foi possível verificar o quanto é necessário valorizar também os alunos mais marginalizados da sala de aula para trabalhar com inclusão, já que se sentiam não tão capazes quanto os demais, sendo esses, inclusive R., escolhidos para liderar as equipes.

Carvalho (2008, p. 17) enfoca essa relação quando afirma:

No caso das pessoas em situação de deficiência, suas diferenças ganham conotações importantes e, como num eco, reverberam sob a forma de preconceitos que banalizam suas potencialidades. Tais pessoas costumam ser percebidas pelo que lhes falta, pelo que necessitam em termos assistenciais e não pelo seu potencial latente e que exige oportunidades para a manifestação e desenvolvimento.

Ao verificar a motivação de R., frente às tarefas repassadas ao líder da equipe, ressalta-se a importância de o professor realizar adaptações metodológicas, que visem à participação efetiva de todos os alunos nas atividades de maneira que se sintam verdadeiramente incluídos em meio aquele espaço.

Nesse contexto têm-se as palavras de Coll (et. al., 2004, p. 46):

As mudanças sociais e culturais, a flexibilidade organizacional, a possibilidade de adaptar o currículo e a preparação dos professores pode contribuir, finalmente, para que todos os alunos participem do processo de aprendizagem junto com seus colegas de mesma idade. Dessa forma, o trabalho do professor na sala de aula converte-se em um fator fundamental, não apenas por que pode desenvolver um currículo acessível a todos os alunos, mas também por que sua experiência influenciará posteriormente as atitudes de outros professores [...].

Buscou-se juntamente com a professora regente da classe comum realizar adaptações nas alternativas de trabalho, visando à inclusão de R. em meio à turma, de maneira que pudesse sentir-se valorizado e instigado a aprender, especialmente no âmbito da leitura e escrita.

Para tanto, verificou-se uma inquietude por parte da professora com relação às alternativas de trabalho que estavam sendo utilizadas pelas pesquisadoras/professoras de Educação Especial. Sempre com um olhar atento as propostas junto à turma, pouco modificava a organização das práticas, porém, questionava os objetivos propostos em cada atividade.

Carvalho (2008) ressalta que essas inquietações advindas dos professores, indicam que as propostas de reformar a prática pedagógica vêm afetando-os, fazendo com que reconheçam a importância de realizar transformações nesta e buscando, dessa maneira, preparar-se previamente para atender às demandas dos processos inclusivos.

Além do trabalho de Bidocência, deve-se fazer um acompanhamento do aluno com NEE em um atendimento educacional especializado (BRASIL, 2008). Assim, realizou-se também essa modalidade de ensino junto ao aluno R. a fim de potencializar a sua aprendizagem e auxiliar em seu processo de inclusão escolar.

A primeira atividade junto ao aluno, no atendimento especializado, se deu a partir de um desenho (contorno) do seu corpo, construindo um boneco para o qual R. deu o nome do seu melhor amigo e colega de classe.

A alternativa pedagógica a partir do desenho foi construída junto ao aluno R. de forma a estabelecer a valorização de suas habilidades e significar sua aprendizagem, visto que, essa é a maneira de expressão que o aluno mais gosta e se destaca. Partiu-se de um contexto previamente conhecido pelo aluno, de maneira que esse visualizasse um sentido em suas atividades tornando sua aprendizagem mais significativa.

Pode-se dizer, então, que a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação “ancora-se” em conhecimentos especificamente relevantes (subsunçores) preexistentes na estrutura cognitiva. Ou seja, novas idéias, conceito, proposições podem ser aprendidos significativamente (e retidos) na medida em que outras idéias, conceitos, proposições relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e funcionem, dessa forma, como ponto de ancoragem para os primeiros (MOREIRA, 1999, p.11).

Em meio a essa atividade buscou-se o desenvolvimento das habilidades de escrita, solicitando que escrevesse o nome de todas as partes do corpo do “amigo”. Durante esse trabalho, pode-se observar que R. ainda não reconhecia o som de todos os grafemas, o que

instigou a proposta de atendimento educacional especializado individual pautado na consciência fonológica. Entende-se a Consciência Fonológica

[...] como a consciência de que as palavras são formadas de diferentes sons e que estes podem ser segmentados em unidades menores, envolve não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a capacidade de operar com estes fonemas ou sílabas (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir, transpor) MOOJEN, et. al. (2003 apud MOOJEN, 2009, p. 194).

Para tanto, todo o trabalho, buscava esse princípio de entendimento dos sons das letras na leitura e na escrita, bem como, também, a utilização do desenho a fim de valorizar as potencialidades de R. e significar a sua aprendizagem.

Desenvolveu-se ainda, uma atividade de trilha, dando enfoque aos líderes das equipes, que eram as peças do jogo, agindo dessa maneira como uma valorização dos alunos e principalmente de R., que ajudou sua equipe a responder as perguntas.

Verificou-se durante esta atividade, uma maior interação entre os alunos que, cada vez mais, passaram a desenvolver um real trabalho em equipe, apoiando-se quando necessário. Isso vem ao encontro da proposta base desta atuação/pesquisa, promovendo a inclusão de R. nesse ambiente escolar, qualificando a aprendizagem de todos indistintamente, considerando-se um fator relevante para a aprendizagem de R., o estabelecimento de vínculos, o que foi proporcionado através de um trabalho em parceria nas equipes.

Buscou-se tanto no atendimento individualizado com R., quanto no trabalho em sala de aula, estimular a aprendizagem significativa, partindo das vivências do aluno, logo o professor de Educação Especial, pode qualificar os propósitos da sua atuação ao ampliar sua inserção nos espaços da escola.

Realizou-se em atendimento junto a R. uma atividade que visava buscar objetos em revistas que o seu “amigo” (desenhado e nomeado em encontro anterior) gostava, atribuindo e

colando esses em cada parte do corpo, para posteriormente, construir uma história em quadrinhos que tivesse como personagens o próprio aluno e o amigo, abarcando os objetos a ele atribuídos, valorizando dessa maneira as potencialidades de R. relacionadas ao desenho, assim

Aprender implica, portanto, atribuir sentido e construir significados em relação ao novo conteúdo objeto de aprendizagem, estabelecendo vínculos entre tal conteúdo e o que já sabemos. Esta construção pessoal de significados (ou reconstrução, do ponto de vista social) verifica-se com base nos significados construídos previamente (BRASIL, 2003, p. 31).

Em meio a um dos encontros durante a Bidocência, ocorreu um desentendimento na equipe de R., visto que, uma das integrantes do grupo assumiu uma postura de coordenação da atividade, descontentando os demais. Diante dessa situação, alguns integrantes solicitaram a troca de equipe e R. cogitou desistir da liderança. Ante a essa situação, levantou-se um diálogo retomando a importância de um trabalho conjunto, sendo papel da própria equipe a busca por um entendimento entre os integrantes.

Esse clima de desmotivação da equipe perdurou por outros dois encontros, o que permitiu a continuação do estímulo a um trabalho pautado no diálogo, enfocando valores como a importância da participação de cada um no trabalho em equipe, para o bom desempenho das atividades.

Diante dessa situação, repensou-se a pesquisa/prática estabelecida até então, reestruturando as atividades de maneira a responder à demanda da diversidade presente na turma, para poder dar continuidade à qualificação do processo de inclusão de R. e do desenvolvimento de todos os alunos

Com relação a isso, Coll (et. al., 2004, p. 293) afirmam que

Responder à diversidade significa romper com o esquema tradicional em que todas as crianças fazem a mesma coisa, na mesma hora, da mesma forma e com os mesmos materiais. A questão central é como organizar as situações de ensino de forma que seja possível personalizar as experiências de aprendizagem comuns, isto é, como conseguir o maior grau de interação e de participação de todos os alunos, sem perder de vista as necessidades concretas de cada um.

Desta forma, buscou-se uma flexibilidade na organização das atividades da gincana, fazendo uso de estratégias metodológicas que visassem um trabalho que embora caracterizado pelo conjunto, respeitasse as individualidades, delegando funções a cada membro da equipe, de maneira que todos pudessem sentir-se valorizados e ativos no processo ensino/aprendizagem.

Carvalho (2008) trata dessa responsabilidade quando enfoca que, a atuação docente na diversidade, começa pelo reconhecimento das diferenças e na igualdade de direitos, constituídos na escola como aprendizagens e participação e não apenas como presença física.

No atendimento educacional especializado deu-se início à construção da história em quadrinhos. O processo construção dessa mostrou-se bastante significativa, pois R. sentiu-se valorizado ao iniciar uma atividade com algo que ele fazia muito bem: desenhar. O aluno teve a oportunidade de criar a história a partir das suas experiências com um de seus melhores amigos.

Ao desenvolver a atividade, R. solicitou ajuda somente na escrita das falas, principalmente nas palavras que precisava combinar a letra “H” com outra para formar o som, então através de um alfabeto móvel desenvolveu-se todas as combinações com exemplificações buscando um trabalho a partir da consciência fonológica. Dessa maneira R. obteve uma melhora na identificação e relação fonema-grafema, facilitando sua leitura e escrita.

Diante das reações de R. frente à proposta da história, verificou-se que, o trabalho vinha ao encontro dos interesses pessoais do aluno, efetivando os objetivos traçados pela

pesquisa, evidenciando ainda, que os laços de interação entre as pesquisadoras/professoras de Educação Especial e o aluno estabeleceram-se de maneira sólida, pois

Os professores devem conhecer bem os alunos, os fatores que favorecem as necessidades mais específicas deles. Somente com tal conhecimento poderão ser ajustadas as ajudas pedagógicas ao processo de construção pessoal de cada aluno. Conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensas com eles, uma observação constante dos seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida. (COLL et. al., 2004, p. 294)

Ao retornar as atividades junto à turma de 4º ano, estabeleceu-se uma proposta de trabalho voltado aos conteúdos da Matemática, em que, divididos em duplas dentro das equipes, deveriam criar cinco problemas, envolvendo multiplicação e divisão. Alguns desses problemas foram passados no quadro, tendo dois membros de equipes diferentes a tarefa de resolvê-los em conjunto.

Esse trabalho visava promover uma integração entre os grupos, sendo que, ao acertarem o problema matemático as duas equipes eram pontuadas. R. copiou os problemas e aceitou a ajuda da colega para efetuar a tarefa.

Yus (2002), tratando da cooperação em sala de aula, traz que essa prática pode apresentar-se não somente em benefício da própria pessoa, mas também em benefício do outro, também para que a atitude seja realmente cooperativa, deve existir uma reciprocidade, ou seja, através de um trabalho conjunto buscar um mesmo fim, o que se pode verificar na atitude dos alunos ao longo da pesquisa na qual se desenvolveu o trabalho em equipe.

Através das diferentes práticas docentes, Bidocência e atendimento educacional especializado, foi possível verificar uma maior motivação de R. para o estabelecimento e aumento de vínculos em sala de aula, o que antes não se identificava muito intenso. R. tinha inicialmente apenas um amigo em sua classe, contudo, diante dessa proposta grupal passou a relacionar-se com os demais colegas encontrando neles afinidades antes desconhecidas

refletindo, dessa forma, em uma ampliação de suas interações repercutindo em um melhor desenvolvimento da sua aprendizagem e também a dos colegas na classe comum.

Em se tratando das relações estabelecidas em sala de aula, assevera-se que a criança ou jovem aprende e se constitui através das sensações corporais, da interação com as pessoas e objetos que a rodeiam (VIGOTSKI, 2006).

Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito se constitui através das experiências sociais. O contexto sociocultural é o palco das principais transformações e evolução do sujeito, possibilitando a esse que aprenda e desenvolva formas de agir, ampliando as ferramentas de atuação, dentro desses contextos. Para Coll (et. al, 2008, p. 20): *“Uma das grandes metas do desenvolvimento humano é conseguir a integração efetiva no mundo social no qual encontramos imersos desde o momento do nascimento.”*

Vigotski (2006) traz que as vivências sociais, se configuram de forma que o sujeito se apropria de experiências de outros sujeitos, apoiando-se em conceitos regidos conforme o grupo sociocultural o qual pertence, desenvolvendo suas representações e criticidade.

Sendo assim, na qualificação das interações na turma, proporcionada pelo trabalho de Bidocência, por meio da realização de uma gincana educativa, pode-se perceber que os alunos estando mais próximos uns dos outros, trocavam mais informações, conhecimentos e experiências aprendendo com maior facilidade e significância.

Os demais encontros individualizados, que ocorreram foram direcionados ao desenho e confecção da história em quadrinhos. O aluno R., familiarizado com o contexto trabalhado até então, envolvia-se cada vez mais na elaboração da história, demonstrando estar à vontade para criar e direcionar os desenhos de acordo com as suas ideias. Foi-se percebendo ao longo dos encontros que se seguiram que R., passou a fazer uma melhor relação do fonema – grafema. Infelizmente não foi possível concluir a história em quadrinhos, pois o aluno faltou

ao último encontro previsto, contudo, fica a certeza de que a motivação para a aprendizagem foi edificada em R., devido à significação da mesma, através da utilização das suas vivências, favorecendo a utilização dos seus conhecimentos.

No trabalho com a turma de 4º ano, realizou-se outra trilha, envolvendo os problemas matemáticos que os próprios alunos haviam criado, bem como outros conteúdos que enfocavam a expressão oral e corporal de maneira a instigar a interação e cooperação entre as equipes.

Visando a aprendizagem cooperativa, Yus (2002) destaca que, essa alternativa de trabalho pode produzir um maior sucesso para o aluno do que as metodologias tradicionais. Portanto, ao estabelecer uma proposta grupal e cooperativa, todos os membros participantes desse grupo se beneficiam, não atribuindo a conquista unicamente a uma pessoa.

No último encontro na escola, estabeleceu-se como temática de trabalho um filme que contava a história de uma menina que não teve oportunidade de estudar. Os alunos deveriam criar dois finais diferentes para a história, um partindo da hipótese de que a personagem principal pudesse continuar estudando e outro se solicitou a eles que se colocassem no lugar da personagem, sem poder frequentar a escola.

Muitas histórias interessantes surgiram, evidenciando a discrepâncias de interesses e vivências presentes em meio à turma. Alguns alunos entenderam a situação da personagem, já outros relataram que nunca passariam por isso e por esse motivo não se preocupavam. Com essa atividade, pode-se focar mais uma vez a importância de valores como o respeito às diferenças. Como encerramento da gincana e premiação das equipes, foi proposto à turma um passeio a Universidade Federal de Santa Maria e uma visita ao Planetário. Um fato relevante desse encontro foi que a equipe vencedora não seria a que mais pontuou e sim a que mais trabalhou cooperativamente, todos concordaram com os critérios adotados para a escolha dos

vencedores, identificando qual a equipe havia ganhado antes mesmo das pesquisadoras/professoras anunciarem o resultado.

Dessa forma, demonstraram em suas falas e atitudes, que não somente os conteúdos escolares, mas também, todas as orientações propostas inicialmente foram trabalhadas na gincana educativa. Para tanto, percebe-se em meio à conclusão dessa pesquisa a concretização e efetivação dos objetivos previamente propostos, bem como a obtenção da resposta dos questionamentos norteadores, sendo possível visualizar nos alunos de 4º ano um olhar mais inclusivo, de respeito às diferenças e individualidades presentes na diversidade de sua sala de aula.

Para finalizar, trazem-se as palavras de Carvalho (2008, p.38) quando diz: “A inclusão beneficia todos, uma vez que sadios sentimentos de respeito à diferença, de cooperação e de solidariedade podem se desenvolver”.

Esse enfoque se verifica na prática que vivenciada junto ao 4º ano, uma turma tão discrepante em pessoas e personalidades, que ao desenvolver ações de cooperação e interação, experienciaram a essência dos processos inclusivos e aprendizagens significativas. Comprovando dessa forma, a efetividade e importância de um trabalho docente do professor de Educação Especial incluindo não somente os alunos com NEE, mas todos os alunos.

#### **4 Considerações finais**

Partindo da crença Entendendo que a significação das aprendizagens e efetivação dos processos inclusivos na escola é, em grande parte, influenciada pela qualidade das interações que se estabelecem no espaço escolar, foi que se elaborou a proposta da pesquisa/atuação apresentada e discutida neste artigo.

Isso foi confirmado pela apreciação da atuação das pesquisadoras/professoras de Educação Especial, pois ao término da mesma verificou-se o quanto importante é envolver os alunos nas atividades, e o enriquecimento destas através do estímulo à interação com os colegas.

Os aspectos citados acima sempre estiveram presentes nos planejamentos das intervenções e aplicação destes, e, acredita-se que por isso conseguiu-se atingir os objetivos propostos para esta pesquisa com eficácia, o que já foi demonstrado pela apreciação das atividades no desenvolvimento deste artigo.

Faz-se necessário retomar a evolução do aluno R. ao longo da pesquisa, considerou-se que passou a ter um bom envolvimento com a turma, o que antes do trabalho não era verificado, a qualificação das interações proporcionada pela Bidocência, passou a ser fator propulsor da constituição do seu processo de inclusão escolar, bem como melhor aproveitamento das aprendizagens, e ainda aumento da sua motivação.

Concomitante a este resultado, conseguiu-se atender mais especificamente as suas NEE relativas à leitura e escrita no atendimento educacional especializado, partindo dos interesses e potencialidades apresentados pelo aluno.

A prática de Bidocência realizada proporcionou às pesquisadoras/professoras uma ampliação de olhares sobre a atuação da Educação Especial, que por vezes fica limitada ao espaço da sala de recursos aonde se realiza o atendimento educacional especializado. Desta forma, sentiu-se que, a proposta e objetivos para a intervenção junto aos alunos com NEE é muito enriquecida e qualificada através deste tipo de trabalho, pois é na classe comum que estes passam a maior parte do tempo que estão na escola.

O sistema de Bidocência pode ser pensado como um desafio para a profissão docente, pois os professores de Educação Especial precisam se propor a trabalhar colaborativamente

com diferentes profissionais, logo com diferentes visões e perspectivas sobre ensino, metodologia e relações interpessoais, pois na sua atuação atenderão diferentes alunos, de diferentes turmas.

Estas formas distintas de entender o ensino precisam ser respeitadas, ao mesmo tempo convergirem na atuação, no intuito de atingir a finalidade de construção dos processos educacionais inclusivos, em prol do bem maior que é a busca do atendimento das singularidades dos alunos tenham eles ou não NEE, e qualidade para a educação básica, neste caso ampliada pela aplicação da Bidocência,

Por fim, é pertinente ressaltar que grande parte dos processos inclusivos se edificam essencialmente na interação aluno-aluno, sendo missão dos profissionais que atuam na educação promover através do seu trabalho, a qualificação dessa, ampliando e enriquecendo as possibilidades de aprendizagem, e ainda, favorecendo a minimização das NEE dos alunos que as apresentam.

## 5 Referências

BEYER, H. O. **Inclusão e Avaliação na Escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Educar na Diversidade**. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

CARVALHO, R.E. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

COLL. C. [et al.]. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Trad. Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOOJEN, S. M. P. **A escrita ortográfica na escola e na clínica: Teoria, avaliação e tratamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora da UnB, 1999.

SENRA, A. H. [et. Al.] . **Inclusão e Singularidades: um convite aos professores da escola regular**. Belo Horizonte: Scriptum, 2008.

STAINBACK, S; STAINBACK, W; EAST, K; SHEVIN, M. A inclusão e o desenvolvimento de uma auto-identidade positiva em pessoas deficientes. In: STAINBACK, S., STAINBACK, W. (org.) **Inclusão: Um guia para educadores**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 1999. pág. 407-413.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. 6.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

YUS. R. **Educação Integral uma educação holística para o século XXI**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.